

Dez perguntas para Ondjaki

Em conversa com Christopher Larkosh

No outono de 2016, aqui na UMass Dartmouth, tivemos a oportunidade singular de receber o autor angolano Ondjaki como Hélio and Amélia Pedroso/Luso-American Foundation Endowed Chair in Portuguese Studies. Com estas perguntas para Ondjaki, eu queria não só deixar um documento da sua estadia entre nós, mas também avaliar, ou talvez até interrogar, o papel atual da língua portuguesa que naturalmente marcou a nossa discussão de temas literários e culturais, com as perguntas adicionais—sobre cultura visual, material e sónica—talvez um exemplo da tarefa quase impossível, e talvez por isso tão necessária, de seguir indo ao encontro do outro, com o outro. Hoje continuamos estes diálogos culturais entre comunidades globais em vários continentes (em África desde logo, mas na América do Norte também), utilizando a língua portuguesa e outros sistemas simbólicos não só para comunicação entre si, mas também para “irem (ou irmos) além”: de colonialismos europeus ou os limites culturais das comunidades diaspóricas locais, e de reconfigurações desta Lusofonia tão dispersa que frequentemente continua a privilegiar os mesmos centros literários tradicionais. Portanto, como é que estes diálogos, desde uma série de pontos alternativos de referência cultural, podem descentrar ou aumentar as formas de compreensão convencionais deste espaço linguístico transnacional, ou até propor um leque mais amplo de paradigmas culturais?

1. Para começar: Qual é a importância da cultura visual para si como autor? Como é que se integra na sua obra, seja nos romances, as obras infantis ou nas peças de teatro?

Há uma vasta dimensão a considerar se falarmos na cultura visual. Desde a natural, como as paisagens geográficas e humanas; até às culturas visuais pictóricas, na pele ou na areia, passando também pela cinematográfica. Tudo isso contribui aos poucos para as impressões visuais que se interiorizam e que, mais tarde, chegam aos livros. Eu gosto muito de paisagens humanas, onde quero englobar não só as estéticas mas alguns conteúdos, as histórias, as memórias e as saudades do futuro.

Portanto, penso que sim, há muito dessas impressões que chega aos meus livros. A medida exata, eu não saberia calcular nem expor.

2. Quais são os elementos visuais, materiais e sônicos (seja de Luanda, Angola ou doutros lugares em África) que mais inspiram a sua produção literária?

Não sei precisar. Lembro-me de vastas paisagens do Sul de Angola que me ficaram nos olhos de dentro, e nas noites de sonhar. São esses materiais que mais tarde regressam a mim e chegam à escrita. Também os lagos na Itália, um intenso carnaval de cheiros na ilha de Zanzibar, o verde da Huíla, mas também os verdes da Irlanda. Não posso deixar que as cores se fiquem pelo continente africano, há tons e cores belíssimos que vivem no México ou na Argentina.

3. Certo, nessa altura quase todos somos, sejamos autores ou leitores ou ambos, não só locais, mas ao mesmo tempo cada vez mais globais (e talvez ainda um pouco nacionais). Com isso em mente, há determinadas estéticas visuais ou materiais desse leque amplo de lugares no mundo que têm deixado uma marca na sua obra? Penso na estética da cultura material soviética, ou outras da época dos 70-80, ou talvez haja outras que têm a sua origem na África da mesma época da pós-independência.

Acho que há materiais estéticos que nos acompanham, em Luanda, no nosso quotidiano. É difícil listá-los em detalhe, ou identificá-los com a facilidade que me pede. Tudo isso me chegou na altura de modo espontâneo, à medida que os dias iam desenrolando a infância. Mais tarde, quando me pus a escrever sobre os anos 80, os restos dessas impressões afectivas invadiram os livros e os intervalos da escrita. Não é algo que eu possa pensar na perspectiva de uma lógica expositiva. São antes uma espécie de “lugares” a que a infância convida e a memória permite, quando permite. São esconderijos semi-arejados...

4. Compreendo que nem é sempre fácil separar e identificar estes elementos... mas talvez se pode falar de uma cultura visual do texto; por exemplo, uma que se revela de maneira mais marcante através do uso de palavras angolanas num texto em português? Até que ponto identifica-se com este conceito de estética visual do texto?

Pouco sei sobre conceitos de estética visual, seja do texto ou outra. Não creio que o uso de palavras angolanas revele num texto uma cultura visual. E ainda que assim fosse, a quem causaria isso estranhamento? Certamente que não a um angolano ou moçambicano. Existem traços culturais que certamente chegam aos textos e à construção do pensamento. Esse pensamento, digamos assim, se for literário, pode ter um pendor acentuado que dialoga com a matriz cultural do lugar.

Acho isso normal. Também penso que um texto repleto de palavras angolanas é, em todo o caso, um texto em português. A língua portuguesa é uma das línguas faladas em Angola, senão mesmo a mais falada.

5. Estou percebendo... de qualquer maneira, para qualquer leitor que nunca visitou Angola este tipo de texto literário dá uma excelente introdução à paisagem linguística do país. Quando eu penso na estética visual da sua obra literária, lembro-me do formato visual do seu romance *Os transparentes*: sobretudo a intercalação de páginas pretas com a escrita em branco. Qual é a importância do livro material, ou seja, de papel, numa época cada vez mais digital?

Penso que ainda são duas coisas diferentes. Ambos são livros, mas ocupam lugares e dimensões distintas. Quase contêm em si os mesmos materiais, claro, mas acabam por ter usos diferentes. Por outro lado, é preciso considerar que são poucos os lugares do mundo onde já se viva uma época predominantemente digital. Há lugares onde se vive uma época cheia de livros de papel, e há lugares onde até os livros de papel escasseiam. É preciso considerar que o mundo está cheio de muitos lugares...

6. Sem dúvida; há lugares, tanto em África quanto aqui na América do Norte, onde o uso do telemóvel já virou mais essencial para a vida quotidiana de muitos do que a leitura de um livro. Mas voltando ao livro... *Os transparentes* trata da Luanda de hoje. Como é que a cultura sónica desta realidade contemporânea exerce uma influência sobre a sua obra? Ninguém pode negar que os sons dessa cidade, sobretudo os gêneros mais recentes de música popular, têm atingido uma popularidade transnacional.

Há um lado forte da sonoridade, também musical, da cidade e das pessoas nos “Transparentes”. Luanda é uma cidade que respira um ritmo de dança no seu dia a dia, a música e a dança são muito importantes na construção do quotidiano dos luandenses, e penso que isso de certo modo entrou na obra. Mais do que a música, ou a dança, há uma lado de *performance* diária, quotidiana, que me interessa muito em Luanda. As pessoas, seja por que razão for, precisam dessa *performance* constante, teatral, as histórias, os modos de dizer e de viver a língua portuguesa. Isso é um material bom para a matriz do que depois vem a ser a literatura sobre e com Luanda.

7. Por isso é evidente para qualquer leitor que Luanda fica sendo importante para si e a sua obra. Há alguns elementos da estrutura material urbanística de Luanda que deixou, ou continua a deixar, uma marca na sua visão literária?

A ação de alguns dos meus livros acontece em Luanda. Mas não é em todos que isso acontece. Mas acho que nas obras *Bom dia, camaradas*, *Quantas madrugadas tem a noite* e *Os transparentes*, há um lado urbano que aparece e que é importante no desenrolar da narrativa.

8. Há outros elementos de cultural popular angolana que são importantes no seu processo de criação literária; por exemplo, a música da sua infância, o cinema, ou a rádio?

Quase todos os elementos que constituem a nossa infância, acabam por aparecer nos livros, mais ou menos explicitamente. Quando a ficção recorre à memória e ao país “real” é normal que essas coisas apareçam, como estrutura da própria narrativa ou como balizas que apontam direções subjetivas, seja dos personagens, seja do autor. Dos aspectos que citou, penso que a rádio seria o mais “popular” de todos.

9. Você já conhece outras partes de África, e até tem morado em lugares onde há uma presença importante da diáspora afrodescendente global (Brasil, Europa, e agora os Estados Unidos). Os pontos de referência continuam a expandir para nós todos, acho... então, até que ponto fica sendo importante sublinhar a sua identidade como um autor angolano ou africano, tomando em conta a difusão globalizada e traduzida da sua obra?

Eu de facto não dou importância a sublinhar identidades... Acho que a obra em primeiro lugar é minha, da minha pessoa, da minha sensibilidade. Assim também leio as obras dos outros, e por vezes encaro-as mesmo como obras autónomas. Interessa-me o livro, pouco me interessa o autor. E o mesmo penso do autor que eu sou. O que os editores, os tradutores, os livreiros, os jornalistas e os políticos fazem nos seus afazeres profissionais, isso é outra estória. Mas não passa por mim. Eu celebro traduções seja de quem for, as minhas e as dos outros. Penso realmente que a tradução é das mais lindas pontes que acontece entre culturas, mas isso não requer que sublinhemos identidades, fronteiras, etc. Os livros falam pela literatura, pela arte.

io. Mas às vezes os jornalistas são autores, e os autores também são políticos, tradutores ou editores... os nossos papéis profissionais também mudam com os nossos lugares no mundo e as nossas formas de pensar e interagir com os múltiplos rôles que transitamos. Portanto, na sua opinião, quais são as possibilidades de pensar numa cultura transnacional através da criação literária em português, no contexto mais amplo de cultura visual, material ou sónica?

Eu penso que existe uma coisa óbvia, que é esse território comum de Língua Portuguesa nas mais distintas geografias mundiais que foram afectadas por esta língua, e pelas culturas subjacentes a ela. O caso de Cabo Verde, Guiné Bissau, Timor Leste, Moçambique e Angola, têm a especificidade de conviver com outras línguas, que também abordam e afectam a língua portuguesa. Mas há um espaço comum, nalgumas partes do mundo, que é delimitado pelo uso (mais ou menos criativo) da Língua Portuguesa. Se isso vai criar uma cultura transnacional, eu não sou a pessoa indicada para dizer. Mas cria certamente um espaço de convívio, de intervenção, que não se reduz às fronteiras de cada nação. Penso que isso é bom e pode ser bonito, sobretudo se aproveitado pelos artistas e por intervenções que se pautam pela liberdade mais do que pelos conceitos políticos.

Talvez seja por isso, que para nós, os lusófonos da Nova Inglaterra, onde o nosso uso quotidiano da língua portuguesa fica sendo menos óbvia, é tão importante poder partilhar este espaço transnacional e multilíngue de convívio e diálogo consigo através da Língua Portuguesa. Muito obrigado, Ondjaki.

NDALU DE ALMEIDA is an Angolan author who writes under the pen name Ondjaki. His literary work ranges from novels, short stories and dramatic works to children's stories and poetry. He has received a number of prestigious literary prizes, including the 2010 Jabuti Prize for the novel *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (Eng. trans. *Granma Nineteen and the Soviet's Secrets*), and the 2013 José Saramago Prize for the novel *Os transparentes* (*The Transparent Ones*). In addition to English, his work has been translated into many other languages, including Spanish, French, Italian, German, Greek, Swedish, Serbian, Polish and Chinese. He currently lives in Rio de Janeiro.